

ARTES CÊNICAS

Beckett com uma pitada de esperança

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

O mundo acabou, mas mesmo assim continua. Era desta forma que Samuel Beckett enxergava a realidade nos anos 1950, num contexto de pós segunda guerra, quando escreveu *Fim de Partida* (1956). A tragicomédia absurdistas nos apresenta a história de um cego paralítico, seu serviçal e seus pais idosos presos numa casa abandonada em um mundo pós apocalíptico. Todos eles aguardam por um fim que parece nunca vir.

Remontada por Rodrigo Portella, trazendo nomes do calibre de Marco Nanini, Guilherme Weber, Helena Ignez e Ary França, a peça chega pela primeira vez a Porto Alegre neste sábado, às 20h, e no domingo, às 18h, no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). Os últimos ingressos estão à venda no site do Theatro São Pedro.

Nanini dá vida a Hamm, um

dominador mesquinho, autoritário e cruel, que exerce um simbiótico e perverso poder sobre Clov, vivido por Weber - um vassalo que deseja ir embora, mas sempre permanece. Tudo isso num quarto abandonado e claustrofóbico, sob os olhos de Nagg (Ary França) e Nell (Ignez), os pais de Hamm, que de dentro de latas de lixo testemunham o desenrolar da história.

“Recebi a proposta com muito entusiasmo, pois sempre tive o desejo de montar um texto de Beckett”, diz Marco Nanini. Convidado a assumir a direção, Portella fala em um sentimento semelhante. “Já havia lido o texto na faculdade, nos anos 1990. Quando reli agora, terminei impactadíssimo e muito emocionado, por reconhecer muito do mundo de hoje ali”, declara o diretor.

A estrelada formação se completa com Helena Ignez, um dos grandes pilares do cinema brasileiro, e Ary França, com quem Nanini contracenou no premiado *O Burguês*

Ridículo (1996). “Temos um elenco muito talentoso e generoso”, resume Nanini.

O mundo parece ter passado por muitos fins desde os anos 1950, quando o texto foi escrito. Por isso, a obra ainda encontra eco na realidade atual. Segundo o diretor, tendências autoritárias não deixaram de rondar a sociedade e estão a todo vapor pelo mundo hoje em dia. “É uma peça do passado que é muito futurista ao mesmo tempo”, observa Portella. “Acho que não estamos tão distantes da realidade original de Beckett. Aquele era um contexto de destruição completa após a Guerra, mas o contexto ideológico é muito semelhante, com discursos de ódio, excludentes, contra imigrantes e de autoritarismo.”

Em uma peça recheada de muitas metáforas, as alegorias de Hamm e Clov são gritantes. Hamm, um déspota cego que, deficiente físico (muito provavelmente por causa de bombardeios de guerra), está

condenado ao trono de uma cadeira de rodas, não cansa de exercer um duvidável poder sobre Clov, o vassalo corcunda que, também por uma deficiência, é impossibilitado de sentar - permanecendo sempre de pé, pronto para a servidão. O que tem lá fora ninguém conhece, parece até que não existe. Mas para evitar que seu servo vá embora, Hamm confabula terríveis contos sobre o mundo exterior.

“Somos todos um pouco Hamm, e um pouco Clov”, sentencia Marco Nanini. “Vivemos dentro dessa complexidade - ninguém é inteiramente algoz ou vítima. O jogo proposto por Beckett é um espelho das relações de longa duração e que acabam por criar dependência emocional. Os grandes autores escrevem sobre o ser humano, sobre as adequações para sobreviver e se adaptar, por isso o texto se mantém atual.”

No roteiro original, Beckett não explicita se Clov consegue se libertar de suas correntes. Na montagem

atual, Portella traz uma tintura mais otimista. “Não quero dar anuência a um discurso apocalíptico”, argumenta. “Eu trago para o Clov a esperança, o horizonte de possibilidades. De alguma maneira, quis apontar uma saída.” Apesar desta pequena grande mudança, o diretor afirma que a peça traz o autor irlandês quase na íntegra. “Eu quase saio de cena como diretor para que o espectador encontre o Beckett, o texto do Beckett, os personagens do Beckett”, diz.

Nas mãos de brasileiros, o absurdo e a desesperança encontram uma luz no fim do túnel, a encenação se transforma em um espelho e o teatro, em um divã. “Eu espero que o público possa se divertir com o humor que a peça tem e, ao mesmo tempo, possa sair do teatro um pouco mais consciente do seu lugar”, aponta Portella. “Quero que o público reflita para encontrar soluções, porque Beckett deixa muita coisa aberta para o espectador completar.”

FERNANDO YOUNG/DIVULGAÇÃO/JC



Estrelada por Marco Nanini e Guilherme Weber, peça *Fim de Partida* chega a Porto Alegre neste fim de semana, com sessões no Teatro Simões Lopes Neto do Multipalco